

P. P. I.

PUBLICIDADE, PUBLICAÇÕES, INFORMAÇÃO, ETC.

GABINETE DE INFORMAÇÃO SISTEMÁTICA

Telefone 36 69 12



RECORTES CLASSIFICADOS

IMPRENSA DIÁRIA

DIÁRIO DE NOTÍCIAS		COMÉRCIO DO PORTO	
PORTUGAL HOJE		DIÁRIO POPULAR	
CORREIO DA MANHÃ		DIÁRIO DE LISBOA	
DIA	23.FEV.1980	CAPITAL	
DIÁRIO		TARDE	
A TRIBUNA			
PRIMEIRO DE JANEIRO			
JORNAL DE NOTÍCIAS			

TERCEIRO-MUNDISMO

por DIOGO BARRADAS CURVO

Quando o fervor ideológico dos mais impenitentes revolucionários ensaiava uma via de adaptação para o "socialismo à portuguesa", alguns ideólogos marxistas entenderam que a expressão "terceiro-mundismo" correspondia exactamente ao tipo de publicidade adequado: tendia, no plano político, para o abstracto e, no plano da acção ideológica, fundamentava o concreto.

Num período de transição para o pretenso socialismo de "base popular" tornava-se imperiosamente necessário que os estrategas do internacionalismo moscovita alimentassem os seus mitos "nacionalizando-os". E daí que, logicamente, partindo do exterior para o interior, fosse caracterizada como "política de independência nacional" essa curiosa abstracção "terceiro-mundista", mais propriamente a política de aderência à posição soviética, ao seu expansionismo — em suma, à maneira ideológica de afirmar e/ou negar o imperialismo do gigante russo... O povo português mal se apercebeu de que a fenomenologia em que se apoiava a tese "terceiro-mundista" tinha um significado que contrariava a habitual maleabilidade diplomática,

ca, ao mesmo tempo que o encerrava num círculo fechado de duvidosos interesses: — o mundo (secreto) do soviétismo!

Muitos povos gostam de viver à sombra de certos conceitos e tal facto não significa que deles saibam extrair as conclusões mais apropriadas. Eis o nosso caso — o caso português...

O facto de nos pretenderem inserir na abstracção do Terceiro Mundo pôde levar muitos curiosos do socialismo concreto a pôr em causa a própria ideia (bem internacionalista) de cassar uma independência solidificada por nove longos séculos. Ora, o Terceiro Mundo, nascido em Bandung, é de mui recente criação. Começou por ser uma simples ideia-força: posta em marcha serviu de veículo de expansão a certos dispositivos revolucionários. Ao ponto de merecer que o internacionalismo o escolhesse como fonte de que havia de brotar uma certa ideologia polivalente. Passou a constituir um pólo de atracção para certas forças políticas que se digladiam na órbita moscovita — forças centrífugas incapazes de adquirir personalidade ou de veicular conceitos aptos a valorizar a mensagem com que certos povos extra-europeus se propunham obter

Uma ideologia polivalente

uma vitória moral sobre o Ocidente.

Os portugueses, pela sua própria história, inserem-se num mundo mais vasto do que o (designado) Terceiro Mundo. Por

isso não têm que aderir a correntes que contestam os princípios e os valores ocidentais. Mesmo e até quando certos povos os negam, copiando do Ocidente, os seus piores defeitos! Ao sairmos da Europa, em civilizadora viagem, estudámos muitos povos e aprendemos a compreendê-los nas suas idiossincrasias — não vamos acreditar que de tal extraíssemos apenas razões para transformar tão frutuosa convivência em simples e duvidosos contactos que servissem para criar teoremas de impossível solução. Provámos que, para além do ocidentalismo e da constituição dum Euromundo, as parcelas dispersas desse todo universalista que constitui a junção dos vários povos representam parte importante, dum ideia-motora que só ao cristianismo deve a sua própria razão de ser.

Se os nossos revolucionários de fresca data — esses mentores políticos mais ou menos socializantes — souberem, efectivamente qual o contributo de Portugal para o Ecumenismo e a universalidade, será extremamente fácil fazer-lhes a demonstração de que as suas teses possuem pouca consistência e são mesmo opostas àquilo que denominam (tão ciosamente!) como "independência nacional".

verdadeira política que não enjeite o conceito que determina a independência dos povos, a partir do momento em que a sua real capacidade e personalidade política lhe possa avaliar, não corresponde à política que situa o "mundialismo" económico em Nova Iorque e o "mundialismo" político em Moscovo: — um na Bolsa e outro na ponta das baionetas...

Sendo os portugueses tão europeus quanto fundamentalmente ocidentais, como admitir então que o seu país, depois de reduzido às proporções abristas, tenha que inverter a política clássica para seguir aberrações internacionalistas telecomandadas por centrais maçónicas? Decerto que tudo aquilo que existe de mais eminentemente cristão no homem ocidental (e, no português, por múltiplas razões) representa a antítese de tais princípios baseados em conceitos meramente ateístas. Só os chefes que se propõem fautores dum "Nova Ordem" internacional na esfera política e económica e se proclamam arautos do mais convicto internacionalismo serão militantes do "terceiro-mundismo"... Nunca nós devemos ser seus adeptos.



Fundação Cuidar o Futuro

DIÁRIO DE NOTÍCIAS		COMÉRCIO DO PORTO	
PORTUGAL HOJE		DIÁRIO POPULAR	
CORREIO DA MANHÃ		DIÁRIO DE LISBOA	
DIA	23.FEV.1980	CAPITAL	
DIÁRIO		TARDE	
A TRIBUNA			
PRIMEIRO DE JANEIRO			
JORNAL DE NOTÍCIAS			

Ideologia polivalente

Continuação da pág. III

nem por tática nem por estratégia! O Cristianismo compreende, mas supera todas as razões que possam estar na base da plena inserção dos povos no abstracto Terceiro Mundo... Como muitas dessas razões não possuem fundamento válido, ou porque obstam à concretização dos pressupostos civilizadores ou simplesmente porque fingem ignorá-los, o Cristianismo combate-as para protecção desse mundo, ainda que o respeite.

Entenda-se por Terceiro Mundo uma associação de povos sem grandes afinidades ideológicas, mas possuindo como denominador comum o ódio ao Ocidente e a muito do que ele representa: de mau e de bom! Ora, Portugal, não tem que se reconhecer como país do Terceiro Mundo, porque o contributo civilizador oferecido pela Nação portuguesa para definir o conceito ecuménico e transcendente de universalidade já mergulha as suas raízes no humanismo integral cristão e faz parte do próprio conceito de portugalidade. Filhos que somos da Igreja Católica Apostólica Romana, só negando o fermento da nossa própria existência civilizadora poderíamos sub-

crever o que nos oferece... como documento de universal adopção!...

Eis a razão porque rejeitamos em bloco as insinuações que nos prendam ao abstraccionismo revolucionário. O mínimo que podemos recomendar ao "analisador" nel Melo Antunes como à eng. Maria de Lurdes Pintassilgo — cérebros ideológicos duma indefinição bem definida em matéria de política externa, representando ambos o máximo divisor comum do "terceiro-mundismo" — será que se alimentem do mais são portuguêsismo. *E se descobram a si próprios descobrindo Portugal!* Nunca esqueçam, nas suas divagações ou lucubrações filosóficas, que o labor do marxismo, quando procura determinadas soluções de compromisso, tanto se contradiz que chega a negar os seus próprios ou supostos interesses legítimos... aqueles que o mesmo marxismo, na senda duma vocação profética e salvadora, declara serem verdadeiros dogmas.

A "independência nacional", implícita na política do actual presidente da Comissão Constitucional, diz naturalmente respeito a uma interdependência em termos de limitada soberania. E se-

que por atalhos tão sinuosos que nem sequer me consta tivessem sido preconizados pelo internacionalismo de Karl Marx (pelo menos quanto à liderança eslava que o filósofo judeo-germânico tanto temia). *Isto talvez porquê os marxistas de formação autodidáctica só conseguem filosofar em circuito fechado!* Quem sabe se o pobre Marx, no século passado, não começou a duvidar das suas próprias teorias, renegando o que os outros convencionaram denominar como marxismo, porque tivesse compreendido que avançava para o "vácuo político" na explanação da sua "utopia científica" nascida da revolta contra o meio a que por fatalidade se não adaptara: — *revolta do judeu e recalçamento do homem que nunca soube encontrar-se com a vasta cultura que adquiriu.*

Portugal, até há pouco tempo, viveu no mundo afro-asiático-americano onde, em largas manchas, exerce hoje magistério um certo marxismo, do qual o mais que se pode dizer é que enjeita o imperialismo sem rejeitar o hegemonismo soviético. *E, talvez para sufragar a alma do mais impiedoso dos expansionismos em exercício — o imperialis-*

mo moscovita —, não rejeita em bloco a dominação neocolonialista: adapta-se-lhe... O fenómeno português é extremamente fácil de estudar e compreender, desde que situemos a base do raciocínio nas proposições da civilização, e difícil de admitir sempre que sejam negados os valores em que acreditamos, pelos quais nos batemos e que são parte integrante da nossa "maneira de ser e estar no mundo".

Pensamos que Melo Antunes, como todos os internacionalistas convictos, não compreende o fenómeno português... e começamos até a duvidar que se aperceba do fenómeno soviético. Recomendamos que se enquadramo na lógica do patriotismo e situá-lo na base dum pensamento genuinamente português, só dando-lhe este simples conselho: *estude-se primeiro; estude-nos depois!* Quem sabe se um dia o ideólogo da Revolução de Abril não será tentado a confessar que errou? E que fazer? Perdoar-lhe-íamos? Talvez não nos restasse outro caminho?! Embora reconhecendo que, em política, os grandes erros não se pagam apenas com terríveis dilemas de consciência, mas com os

mais profundos sacrifícios dos povos que os suportam...

Houve ontem, há hoje e sempre haverá, naturalmente, quem possa atentar contra a História Pátria traíndo inconscientemente Portugal. *Todavia cremos que a traição, ainda que consciente ou fundamentada em certas ideológicas, logo que ultrapasse os limites da tragédia, deixa de ser um simples erro pessoal ou colectivo para se transformar em grave pecado de lesa-Pátria.* E não há impotência analfética que possa desvirtuar este conceito — tudo indica que as análises ideológicas são sempre impotentes para apreciar os fenómenos políticos de latitude nacional.

Melo Antunes — pode dizer-se — é um perfeito gestor, como homem de acção, na prática quotidiana revolucionária e marxista; como homem de pensamento também sabe gerir (e gerar) soluções de compromisso para a institucionalização do processo socialista à procura da legitimidade. *Assim conseguiu o 25 de Novembro: bem pensado e melhor executado.*

Com as causas que todos sabemos e as consequências que estão à vista, foi um Toro em família (entenda-se marxista).